

ETNOGRAFIA DE UMA *MOBILIZAÇÃO*¹

Nashieli Rangel Loera
PPGAS/UNICAMP
Centro de Estudos Rurais (CERES-Unicamp)

Resumo:

Mobilização é o termo que designa o processo vivido pelos participantes antes do momento de uma ocupação de terra, isto é, troca de informações, deslocamento e movimentação dos participantes da ocupação, reuniões preliminares, visitas preliminares ao local da ocupação etc. Através da etnografia de uma *mobilização* para a realização de uma ocupação e a posterior constituição de um acampamento da reforma agrária no extremo sul da Bahia pretendo descrever e analisar não só existência de uma linguagem particular (restrita e socializada entre certo grupo) mas a existência de um circuito específico de transmissão das informações sobre a *mobilização*. O “segredo” ou a não-circulação de certas informações ou a circulação restrita desvenda a existência de alianças e de grupos que detêm um *status* diferenciado no mundo das ocupações de terra.

Palavras-chave: mobilização, ocupações de terra, tempo de reforma.

Introdução

Em abril de 2006, por ocasião de uma visita de trabalho de campo à Secretaria Estadual do MST em Salvador, BA. fui convidada pelo *coordenador estadual de frente de massa*² para participar de uma *grande mobilização*³ no sul da Bahia, que aconteceria alguns dias depois. A *grande mobilização* se tratava de uma ocupação de terras, mas, em nenhum momento, a palavra ocupação apareceu nas conversas com militantes da *Secretaria*. Nesse contexto, *mobilização* foi usada pelos militantes não só para designar de maneira geral a forma de protesto ou performance coletiva que estava sendo organizada, mas, sobretudo, parecia servir para “ocultar” o tipo de manifestação que seria levada a cabo.⁴ A própria forma que teria o protesto e os detalhes do local, das pessoas que participariam, do dia e da hora circularam só entre um número restrito de pessoas, formavam parte de um conjunto de informações tratadas como secretas, acessíveis até pouco antes de a ocupação acontecer só

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² As frases e termos nativos aparecerão em itálico.

³ *Mobilização* é o termo usado pelos militantes do MST e pelos participantes dos acampamentos da reforma agrária para designar os protestos e as performances coletivas organizadas pelo MST, como uma forma de reivindicar benefícios do Estado. Essas mobilizações podem ser ocupações de terra, marchas, caminhadas, ocupação de prédios públicos etc.

⁴ *Mobilização*, nesse contexto também designa o processo que é vivido pelos participantes antes do momento da ocupação, isto é, troca de informações, deslocamento e movimentação dos participantes da ocupação, reuniões preliminares, visitas preliminares ao local da ocupação etc.

para o grupo de militantes do MST encarregado de organizar o grande “evento” e para os coordenadores de outros acampamentos da região que iriam contribuir com certo número de acampados, para fazer número naquela ocupação.

O fato de manter certas informações no sigilo não só parecia legitimar a própria ocupação perante os participantes dela, mas, também, a não-circulação de certas informações ou a circulação restrita desvendou a existência de alianças e de grupos que detêm um status diferenciado no mundo das ocupações de terra. Como menciona Simmel (1977), o segredo pode ser um mecanismo de segregação destinado à conformação, conservação e hegemonia de um setor da sociedade. Nesse caso, também reafirma um status diferenciado entre certos grupos no mundo das ocupações de terra e faz parte dos mecanismos de manutenção de poder, um meio de controle social.

Assim, observando o processo de *mobilização* para a realização de uma ocupação e a posterior constituição de um acampamento da reforma agrária no extremo sul da Bahia pude perceber além de uma linguagem particular (restrita e socializada entre certo grupo) a existência de um circuito específico de transmissão das informações sobre a *mobilização*.

Mas, antes de adentrarmos na etnografia, devo lembrar que as reflexões que apresentarei pretendem, em certa medida, através do trabalho etnográfico, testar algumas hipóteses: Que hoje em dia, no mundo das ocupações de terra configura-se um *establishment*, isto é, grupos de indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder no mundo das ocupações de terra; aqueles indivíduos que se encontram em posições consideradas pela maioria dos acampados como privilegiadas direcionam muitas das suas ações a defender essa posição, estão em constante concorrência com seus pares e com aqueles que não fazem parte desse seleto grupo e que de alguma ou outra forma aspiram a sê-lo; e finalmente, que a participação no mundo das ocupações de terra é, para algumas pessoas, um mecanismo de ascensão e significação social.

Os guardiões dos segredos

O prédio que acolhe a *Secretaria Estadual do MST* está localizado a poucas ruas de distância de umas das zonas mais movimentadas e turísticas de Salvador: Pelourinho. Apesar de existir ao lado do portão de entrada um interfone, este não é muito usado, já que a porta se abre e se fecha sem cessar por causa do grande movimento de pessoas entrando e saindo do local.

Uma recepcionista sentada atrás de uma escrivaninha do lado da porta recebe as pessoas e pede para que se identifiquem e mencionem o objetivo da visita, isso antes de deixá-las entrar numa outra salinha que funciona como uma espécie de sala de espera.

Segundo essa mesma recepcionista, Bel, sempre tem bastante movimento na Secretaria, mas esse mês em particular, que é chamado de *abril vermelho*, sempre o movimento é maior.⁵

Cobra, um militante que estava buscando, não se encontrava no local; a justificativa da ausência desse militante era a mesma justificativa do excesso de movimento de pessoas: nessa época, segundo Bel, teria dificuldade de encontrar militantes que participam do *setor de frente de massa*⁶, pois a maioria, nesse período, se encontrava organizando *mobilizações* em todo o estado.

Expliquei as razões de minha visita não sem antes contar — atendendo ao pedido de Bel — a maneira como tinha obtido as informações do Cobra e também a relação e/ou participação que eu tinha dentro do MST. Depois de citar de maneira resumida a linhagem de militantes da *Regional de Campinas* com os quais tinha contato, ela mencionou que chamaria o Nílton, *coordenador de frente de massa*, para me ajudar a obter as informações que precisava.

Depois de uma espera de aproximadamente 40 minutos, o Nílton chegou e, depois de me cumprimentar, me pediu para acompanhá-lo numa sala ao lado da sala de espera. Segundo Nílton, essa era a *sala de reuniões, a única sala com ar condicionado no prédio*. Era uma sala grande, com uma mesa retangular no meio e cadeiras executivas ao redor. Na parede da frente, além da bandeira do MST está pendurado um único quadro, um reconhecimento a Valmir Assunção, deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Valmir também é membro da *Direção Estadual do MST*.⁷

O que para mim era um pedido simples de informação se tornou uma semi-entrevista, dando a impressão que eu estava sendo avaliada para obter algum emprego. Novamente repeti as informações ditas para Bel, assim como a linhagem da militância de Campinas, além de algumas informações extras sobre minha chegada ao Brasil, minha pesquisa e o trabalho de campo realizado em acampamentos do estado de São Paulo.

⁵ É bem sabido que as mobilizações organizadas pelo MST se intensificam nessa data, pois fazem parte da agenda anual a ser cumprida para lembrar as datas comemorativas do movimento. Principalmente a lembrança da morte de 19 sem-terras ocorrida no Pará, em abril de 1996.

⁶ Os participantes do setor de frente de massa são os que se encarregam de organizar o trabalho de base nos bairros, arregimentam as pessoas, fazem os contatos com lideranças locais, fazem as reuniões em que se explica a arte da ocupação, conseguem os recursos materiais (caminhões, ônibus, marmitas, lona etc.) para as ocupações e levam as pessoas até o local da ocupação.

⁷ Em 1989 foi diretor estadual do MST. Como veremos adiante, Assunção é uma referência importante entre militantes do MST da Bahia.

Nílton parecia um pouco desconfiado e, ainda sem dar informações sobre o militante chamado Cobra, começou um discurso sobre diversos temas: forma de agir do MST, dados históricos e informações sobre êxodo rural, sobre migração para estados como São Paulo, *onde está concentrado o trabalho e o capital*, industrialização, tecnologização, diferenças entre os que vão para os acampamentos e que são de origem urbana e aqueles considerados como de origem rural etc. Nesse momento os papéis foram trocados e parecia como se eu lhe estivesse fazendo algum tipo de avaliação e ele tivesse que mostrar em menos de uma hora tudo o que sabia. A nossa conversa de vez em quando era interrompida por algumas ligações em seu celular. Ele falava sobre uma *mobilização* e, quando mencionava nomes, abaixava a voz, levantando da cadeira e indo conversar num canto da sala.

Depois de pedir minha opinião sobre os diversos temas dos quais tínhamos conversado, ele explicitou sua surpresa por eu ter conhecimento da *organização interna* e linguagem do *movimento* (grupos, setores, trabalho de base, coordenadores, assembléias etc.). O conhecimento dessa linguagem, os contatos ou relações que detinha com certa linhagem de militantes em Campinas e o conhecimento prévio das *formas de atuação do movimento*, entre outras coisas, pareceu ser a chave de acesso ao que ele considerava como *informações restritas*. Segundo ele, esse era o *procedimento adotado pelo movimento para dar certas informações*,⁸ “descartar” a possibilidade de eu ser uma “infiltrada” e ao mesmo tempo saber que era *alguém de confiança*.⁹

Nílton pediu para a Bel encostar a porta da sala e, abaixando o tom da voz, me disse: *O Cobra está em Teixeira, vai ter uma grande mobilização na semana que vem*. Perguntei que tipo de *mobilização* era essa, e mencionou que não podia me dizer, mas, caso pudesse, me convidava a participar.

Ele não quis me dar mais detalhes, só mencionou que, caso decidisse participar, teria que ir a Itamaraju, no extremo sul da Bahia. Chegando lá poderia ir à sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e entrar em contato com outro militante do MST, Enéas, e não podia esquecer um detalhe: ao falar com ele, devia mencionar que tinha estado com Nílton na

⁸ O acesso a certas informações sobre o movimento e seus *militantes* parecia preceder de uma “investigação”: Quem eu era? Que vínculo tinha com o movimento? etc. Essa “investigação” como critério de acesso é parecido ao critério de entrada nos acampamentos em São Paulo e aqueles da mata pernambucana, como identificado por L’Estoile e Pinheiro (2006). Para esses autores, o “conhecimento” prévio da pessoa era um critério nos acampamentos organizados pelos sindicatos rurais para aceitar a “entrada” de novas pessoas.

⁹ Num depoimento de um sindicalista da Fetape, apresentado por Rosa (2004) no seu estudo sobre os *movimentos* na mata Pernambucana, a troca de informações ou o fato de guardar certas informações também aparece relacionada à confiança. João, um sindicalista queixa-se de apesar do apoio que o sindicato dava ao MST para as ocupações, eles, do sindicato, não recebiam certas informações e por tanto não seriam alguém de confiança para o MST. Vejamos: “*Pedi o apoio do sindicato. Já muitas vezes o sindicato dava ajuda para o transporte. Só que na hora de montar a estratégia, o MST nunca dizia para o sindicato onde seria a ocupação. Ele pedia apoio, pedia carro, pedia dinheiro e tal, mas não dizia onde seria a ocupação. Já a gente disse: -olhe espera aí. Desse jeito não dá para a gente ser parceiro. Se vocês não dizem, então nós não somos de confiança*” (2004: 111).

Secretaria em Salvador e que ele me tinha convidado para participar da *mobilização*.¹⁰ Enéas me daria o resto das informações. Nílton se despediu e fez questão de mencionar que pedia para não dar para ninguém as informações recebidas e ainda, além de reafirmar que essas informações deviam ser mantidas ocultas, insistiu no fato de serem restritas só a certo número de pessoas. Antes de sair da sala, disse-me: *Estou confiando em você, viu!* Com essa frase Nílton não só me fazia uma advertência, mas conferia às informações que me tinha dado, um caráter singular. Contudo, alguns dias depois, dei-me conta de que também, ao receber as informações, entrara num circuito de trocas; certas informações sobre a *mobilização*, tidas como segredo ou informações restritas, eram um bem precioso que conferiam certo poder e um status diferenciado ao portador.

Após alguns dias, seguindo as instruções de Nílton, peguei um ônibus de Salvador para Itamaraju. Para minha sorte, no ônibus escutei que alguém, falando ao telefone atrás do meu assento, mencionava: *Você precisava ver como animei o pessoal, todo mundo meio apagado e eu ‘MST, a luta é para valer’, todo mundo se animou, foi lindo, a marcha tava linda.* Quem estava tendo essa conversa era Hilma, uma assentada e *militante* do MST do município de Itamaraju, quem, cumprindo com suas obrigações, havia ido para Salvador para participar de uma marcha que havia acontecido dois dias antes em Feira de Santana, como parte das *mobilizações* do *abril vermelho*. Pedi licença para conversar com ela, Hilma parecia desconfiada e a estranheza pareceu ser maior quando mencionei que havia escutado sua conversa sobre *a marcha*. Depois de passar pelo mesmo procedimento de interrogatório que tive com Nílton e das explicações sobre a linhagem de militantes de Campinas, da minha participação em acampamentos, do convite do Nílton e do contato com Enéas, a expressão dela mudou; respondi ainda algumas perguntas pontuais sobre se já conhecia o sul da Bahia, o que pensava fazer etc. Após conversar durante algum tempo, pegou o telefone e chamou o Lucas, seu marido, e informou-lhe: *Há uma companheira aqui no ônibus que veio de São Paulo para o ato, é militante de São Paulo, ela vai descer comigo, ela disse que conhece o Enéas e o Nílton.* Hilma ficou surpresa quando esclareci que não era militante, que acompanhava o *movimento* fazendo um trabalho de pesquisa em acampamentos e assentamentos de São Paulo. O argumento da surpresa da Hilma era o mesmo explicitado por Nílton: Não sendo militante, como tinha *conhecimento sobre as formas de atuação do movimento*! Aparentemente certa linguagem e certas informações, ou, nas palavras nativas, “*conhecimentos*” eram restritos a certo grupo dentro do MST.

¹⁰ Como veremos adiante, não só os novos acampados são associados com o nome de quem realizou o convite para ocupar mas parece que também os convidados (como eu) contribuem para prestigiar o nome do militante, contribuem para acumular capital simbólico. E por outro lado, os convidados também são responsáveis de que faz o convite.

Alguns minutos depois Lucas retornou a ligação. Enéas ainda não tinha sido informado de minha participação “*no ato*” e pediu para Lucas esperar a confirmação dessa informação. No dia seguinte, ele entraria em contato com Nílton. Assim a informação sobre minha possível participação na *grande mobilização* estava circulando entre alguns militantes. Hilma deveria confirmar com Lucas, que confirmaria com Enéas, que por sua vez teria que conferir com Nílton minha visita à *Secretaria* em Salvador e o convite feito. Como no caso apontado por Elias (2000) entre os habitantes da comunidade de Wiston Parva, nesse caso, também parecia existir um circuito de transmissão de informações.

Hilma, depois da ligação do Lucas, pareceu sentir-se mais à vontade para conversar sobre a *mobilização*. Foi através dela que soube que se tratava de uma *grande ocupação* e que não podia ser de outro modo, pois, como explicado por ela e mais tarde por um militante de Teixeira de Freitas, *já havia acontecido a marcha de Feira para Salvador*; com isso queriam dizer que a *mobilização* no sul devia ser diferente. Segundo eles, a praxe no *movimento* era diversificar as formas de *mobilização*, isto é, não repetir a mesma forma de protesto (pelo menos não nas mesmas datas e no mesmo estado).

Hilma, além de ter participado na marcha em Feira de Santana, havia feito *trabalho de base* em algumas comunidades de Itamaraju — lugar onde está localizado o assentamento onde mora —, convidando às pessoas para participarem da ocupação. Segundo Hilma, as informações sobre a “forma” que teria a *mobilização* eram ocultas para pessoas de *fora do movimento*, mas não podiam ser ocultas para aqueles convidados durante o *trabalho de base*, já que, segundo ela, *essas pessoas deviam estar preparadas para a ocasião*. No entanto, o local, a data exata, a hora e os participantes são informações que não circulam entre a massa de convidados, e as vezes nem entre os acampados e assentados que acompanham as ocupações, só entre pessoas que detêm no *movimento* certo status, um cargo, *uma responsabilidade* particular. Hilma dava como exemplo seu marido, Lucas, quem, segundo ela, é um militante conhecido (no movimento) na região do extremo sul.¹¹

Segundo ela, essas informações (data, hora, local etc.) devem ser resguardadas *para evitar vazamento de informação e provocar o possível fracasso da ocupação*. No entanto, existe um elemento a mais, segundo essa militante essa parte “misteriosa” da ocupação “*é que dá o elemento surpresa, o que faz sentir o frio na barriga [...] e a que mais atrai os jovens*”.

Chegamos por volta das 7 horas na região do extremo sul. Conforme Hilma me tinha informado, Lucas, seu marido, foi-nos buscar num ponto da estrada, 9 quilômetros antes de Itamaraju.

¹¹ Na Bahia, as *regionais* do MST se dividem em extremo sul, recôncavo, sul, baixo sul, sudoeste, norte, oeste e chapada.

Chegamos ao assentamento onde eles moram depois de percorrer 4 quilômetros de estrada de terra. Já havia algumas pessoas (segundo Hilma, vizinhos do assentamento) que esperavam o casal. Dois homens começaram a fazer algumas perguntas: Quantos do assentamento iam para a mobilização? Quantos de cada família tinham que participar? Que horas chegaria o ônibus? Teria caminhão para transportar os colchonetes? Quem daria a lona? Lucas respondeu que, no mínimo, dois de cada família teriam que participar e fez questão de mencionar que deviam ir também mulheres e crianças. Sobre as informações de horários e transporte, Lucas se limitou a informar que seria feita uma reunião informativa na parte da tarde.

No decorrer da manhã, outras pessoas (vizinhos do assentamento) chegaram à casa de Lucas fazendo as mesmas perguntas. A cada vez eu era apresentada como “*uma companheira de São Paulo, mexicana, que veio acompanhar o trabalho da gente*”. Parecia que não só meu estatuto de estrangeira já legitimava por si só a curiosidade pelo *movimento*, mas também o fato de ter uma relação com a militância do MST de São Paulo era também uma porta de entrada para acompanhar “o trabalho deles”.

Hilma mencionou que *o comboio da ocupação* sairia “do acampamento”. Esse acampamento ao qual ela fazia referência não era qualquer acampamento, mas o acampamento “20 Anos do MST”, que tem uma característica particular: é um “acampamento permanente”.¹²

Segundo Fernandes (2000), na segunda metade da década de 1990, em alguns estados o MST começou uma experiência que denominou de acampamento permanente ou acampamento aberto:

Acampamento que se estabelece numa região de muitos latifúndios, desse acampamento os sem-terra partem para várias ocupações, para onde podem se transferir ou em caso de despejo retornar para o acampamento e conforme vão entrando nas terras vão mobilizando e organizando novas famílias que passam a compor o acampamento (p. 294).

Hilma ainda mencionou que, já que eu ia para “o acampamento” e daí sairia direto para a ocupação, devia levar algumas coisas indispensáveis: um prato, uma colher, um copo, uma coberta e um colchonete. Quando ela viu que, além de minha mochila, tinha um saco de dormir, mencionou que já tinha uma parte indispensável do *kit ocupação*. Nos dias seguintes pude perceber que o *kit ocupação* parecia ser uma forma comum e conhecida entre os militantes e entre “velhos” acampados, ou participantes experientes das ocupações, para

¹² Adiante falarei com mais detalhe desse acampamento.

designar os utensílios básicos que se levam para uma ocupação.¹³ Hilma mencionou que devia preparar seu *kit*, tirou três pratos, copos e colheres da cozinha, colocou um de cada em minha mochila, e o resto, junto com duas panelas pequenas, os colocou dentro de uma bolsa grande que tinha com o logotipo do MST, não sem antes esvaziá-la dos papéis e folhetos que tinha levado para a marcha. Lucas, apressado, percorria a casa perguntando para Hilma pela “mochila”, mas não era qualquer mochila que ele procurava, senão aquela que tinha o logotipo do MST. Essa também parecia fazer parte do *kit ocupação*.

Quando saímos do assentamento, no começo da tarde, algumas pessoas já tinham reunido seus *kits* (colchonetes, cobertas e mochilas) fora de suas casas; segundo Lucas, no final da tarde um caminhão passaria para pegar as coisas.

Lucas, eu e mais dois assentados descemos de carro até a estrada. Deixaram-nos 5 quilômetros adiante num ponto de ônibus. Enquanto esperávamos, Lucas queixava-se do pouco tempo que haviam tido para fazer o *trabalho de base* e achava pouco provável conseguir *cumprir o objetivo da estadual “fazer a ocupação com mais de 2 mil pessoas”*. Ainda justificou sua pouca participação nesse *trabalho*, pois, segundo ele, era difícil conciliar militância com família e roça. Lucas mencionou que já foi membro da *Coordenação Nacional do MST* e da *Coordenação Estadual*, mas ele teve que *pedir um afastamento*¹⁴ porque precisava mexer na roça e, com as atividades do *movimento*, não dava tempo de fazer as duas coisas. Segundo ele, *a exigência do movimento era muita*, mas às vezes, a retribuição era pouca. Atualmente ele faz parte do *Setor de Produção* do MST do extremo sul da Bahia, um setor onde, segundo ele, *o trabalho (no MST) é menos reconhecido, mas é menos pesado*.¹⁵

¹³ No acampamento Terra Sem Males, localizado no estado de São Paulo, também os *velhos* acampados contavam com um *kit ocupação* (que não era chamado dessa maneira), inclusive, para alguns, a lona preta formava parte do *kit* e, quando eram informados de que participariam de alguma mobilização, carregavam com “um pedaço de lona preta” ou a guardavam nos seus barracos prevendo futuras ocupações. Maria, uma acampada que conheci no Terra sem Males, fazia observação de que nos acampamentos da Bahia, os sem-terra só carregavam “a coberta debaixo de um braço e as panelas do outro”. Essa observação era feita sob uma lógica da diferenciação, tendo como contraponto o acampamento onde ela se encontrava o Terra Sem Males. Para Maria, os sem-terra desse acampamento eram *chiques*, pois, literalmente, montavam uma “casa” no barraco. É importante mencionar que Maria chegou ao Terra Sem Males (em janeiro de 2003) com uma leva de “novos” acampados que ainda inexperientes na arte da ocupação tinham literalmente montado sua casa no barraco, trazendo consigo móveis, roupa e todo tipo de utensílios. Portanto, provavelmente alguns dos acampamentos onde ela esteve anteriormente (na Bahia) eram compostos em sua maioria por assentados e *velhos* acampados.

¹⁴ Esse pedido funciona como se estivessem em qualquer emprego. O pedido é avaliado pelos superiores e é aceito ou não dependendo do caso e se for aceite essa “licença” não é remunerada. Conheci o caso de uma militante da Regional de Campinas cujo pedido “foi negado”. O acordo foi que ela ficaria mas alguns meses apoiando e realizando tarefas do escritório regional enquanto conseguiam que outra pessoa ficasse no seu lugar. Nesse sentido, existe uma diferença com o caso descrito por Smircic (2000), segundo o autor, as trajetórias de militantes de Pernambuco por ele estudadas as “saídas” e “entradas” da *militância* são constantes. Nessa região é uma possibilidade aceita ou outorgada pelo movimento, mais uma alternativa. Com isso não quero dizer que no caso da militância de Campinas, isso não exista, mas, as “saídas” e “entradas” parecem formar parte já de um conjunto de acordos “institucionalizados”.

¹⁵ Existe uma crença entre militantes do MST (tanto na Bahia como em São Paulo) de que certos setores, como o de frente de massa, demandam um investimento maior, e sobretudo mais *tempo de acampamento*, por outro lado, a recompensa em termos de reconhecimento social e ascensão na hierarquia do movimento, ou, nas palavras

Para Lucas, a própria concepção de “trabalho” parecia ter vários significados. Por um lado, “o trabalho realizado para ele”, na roça e com artesanato para a sua própria sobrevivência e a da sua família, no qual é dono de seu tempo. Por outro, o “trabalho realizado para o *movimento*”, no qual *as questões pessoais não têm importância* e o trabalho realizado *é sempre para os outros*, para o *movimento*. E principalmente o mês de abril, por ser o mês das *mobilizações* é um marcador de tempo entre um e outro *trabalho*.¹⁶ Para ele, há um problema, há alguma coisa que está errada [no circuito de prestações (dar, receber e retribuir) (Mauuss, 2003)], quando ambos os *trabalhos* se misturam. Ele e Hilma haviam tido que financiar algumas viagens a Itamaraju e a Teixeira (com dinheiro do artesanato que vendem para complementar sua renda), porque não haviam recebido *apoio do movimento*¹⁷ para o *trabalho de base*. Ele ainda mencionava que *os meninos novos se dão melhor no movimento*, jovens solteiros, que, segundo ele, *não têm responsabilidades familiares*.¹⁸ Lucas com 33 anos poderia ser considerado jovem, no entanto, ele não se considera dessa maneira, já que é casado, nas palavras dele *tem responsabilidades familiares*. Alguns autores (Guaraná, 2006; Silva, 2006) mostraram que em contextos tidos como “rurais”, a categoria “jovem” adquire diversos significados e geralmente essas diferenças podem passar por distinções de gênero e pelas posições que os indivíduos ocupam na hierarquia familiar. No caso apontado por Silva, os homens deixam de ser jovens e passam para a idade “adulta”, quando casam, quando começam uma vida em comum com uma companheira. Já para Guaraná, a categoria “jovem” em acampamentos e assentamentos rurais, está fortemente marcada pelo lugar que se ocupa na hierarquia familiar e adquire diferentes significados que variam de acordo com quem estiver falando e em quais espaços de sociabilidade estão atuando.

Lucas ainda mencionou que ele era uma *pessoa de confiança para o movimento*. Ao dizer isso, parecia fazer referência à confiança como sinônimo de lealdade, que, aliás, também tinha sido expressa dessa maneira por Nílton (e por outros militantes de Campinas, SP), mas,

nativas, “ter um nome dentro do movimento” se adquire mais facilmente atuando nesse setor. Por exemplo: o número de famílias que cada militante ou acampado consegue levar para os acampamentos é um elemento importante para adquirir certo prestígio no *movimento*. As famílias geralmente são associadas ao nome ou apelido do militante ou acampado que fez o convite.

¹⁶ É comum que nesse mês, militantes de outros setores apóiem o setor de frente de massa no trabalho de base e na própria mobilização.

¹⁷ O *apoio* é a palavra usada pelos militantes para descrever os recursos em dinheiro, ou seja, os 800 reais por mês (ajuda de custo) que o MST paga de maneira individual aos militantes ou os recursos materiais e também em dinheiro que cada Secretaria Estadual manda para as diferentes regionais do MST para a organização de eventos e mobilizações.

¹⁸ Rosa (2004) mostra como o MST em Pernambuco “abriu espaços sociais normalmente interditados para jovens” (2004, p. 246). No caso da participação dos jovens nas ocupações de terra no estado de São Paulo, estes se sentem atraídos pela novidade e, diferentemente dos “adultos” que vêm a experiência de uma ocupação e de estar num acampamento como um sofrimento, para os jovens representa uma aventura (Loera, 2006).

segundo ele, isso não era suficiente para chegar a *ter um nome no movimento*,¹⁹ e dava como exemplo Valmir Assunção e Jaime Amorim²⁰, já que muitas vezes, para *conseguir ter um nome*, a vida familiar e na roça deve ser sacrificada.

Finalmente, depois de esperar mais de 40 minutos no ponto de ônibus, pegamos uma carona até Teixeira de Freitas. Chamou-me a atenção que, ao longo do caminho, apareciam os acampamentos de lona preta e de bandeiras vermelhas (do MST), um muito perto do outro. Lucas explicava que havia sido decidido, no último encontro regional (do MST), que os acampamentos não deveriam ter mais de 60 quilômetros de distância entre um e outro; segundo ele, além de exercer maior pressão (diante do Estado) pelo grande número de famílias acampadas, essa era uma forma de *mostrar que a Regional do extremo sul trabalha*. Mas mostrar para quem? Perguntei; *Para o movimento*, respondeu.

Como mostrou Sigaud (2000), os acampamentos de lona preta organizados por *movimentos* são montados para serem vistos, configurando uma linguagem social, uma “forma acampamento”. Montar um acampamento é uma forma de dizer ao Estado que essa é a terra que se deseja para reforma agrária. No entanto, o depoimento do Lucas e outros dados recolhidos em campo nos permitem complementar essa formulação e mencionar que, nesse caso, a montagem de acampamentos também é uma forma de mostrar, para as outras *regionais* do MST e para outras instâncias dessa organização, a capacidade de mobilização de um grupo que conforma uma *regional*. Portanto, não só existe, como já foi mencionado, uma concorrência entre *movimentos*, mas também uma concorrência no próprio *movimento*.

O acampamento “20 Anos do MST”

Chegando em Teixeira de Freitas, dirigimo-nos à rodoviária. Lucas, num telefone público, entrou em contato com Enéas, membro da *Coordenação Estadual do MST* e um dos principais organizadores da ocupação. Segundo ele, teríamos que ir para “o acampamento”, pois Enéas havia pedido para ele me deixar lá. Lucas entrou em contato com Nilce, *uma menina que tem uma moto* e que podia dar-nos uma carona. Enquanto a esperávamos, várias pessoas que passavam pelo local se aproximaram para conversar com Lucas e perguntaram pela *mobilização*: O que seria? De onde ia sair? O que deviam levar? Segundo informações de

¹⁹ A minha pesquisa realizada em acampamentos do estado de São Paulo, tem-me dado indícios para poder afirmar que o “nome”, no mundo das ocupações de terra, ao mesmo tempo que deve ser oculto, resguardado em certos contextos, é também um bem valorizado e que pode ser, segundo as ações do portador, um instrumento de acumulação de capital simbólico.

²⁰ Jaime Amorim foi um dos fundadores do MST no estado da Bahia. Hoje em dia é membro da Direção Nacional do MST e liderança dessa organização no estado de Pernambuco. Para saber mais detalhes sobre a vida e atuação de Amorim, ver Rosa, 2004.

Lucas, eram acampados da *região* que ficavam durante a semana nos acampamentos e voltam sexta-feira para Teixeira. Lucas a cada vez respondia que deviam ir no final da tarde para “o acampamento” e estar preparados para qualquer tipo de *mobilização*; lá haveria uma reunião informativa para falar dos detalhes. Lucas (tal como Nílton e Hilma) fez questão de mencionar para mim: *Não podemos dar detalhes da ocupação para o povo, pois pode ter um vazamento de informação*.

A *ocupação*, mencionou Lucas abaixando a voz, “*vai ser nas terras de uma empresa grande, a Bahia sul, os donos são influentes aqui nessa região... vai muita gente, você vai ver [...], o povo vai começar a chegar no final da tarde, o Enéas falou que todo mundo [os participantes] vai se reunir no acampamento [...]. Mas [essa informação] fica só entre a gente*”. Segundo ele, só os *organizadores* [militantes] sabiam *desses detalhes*. Lucas parecia sentir-se orgulhoso de fazer parte do seletor grupo que resguardava “os segredos da *mobilização*”.

Como mencionei antes, certas informações sobre a *ocupação* pareciam circular entre um número restrito de pessoas, seguindo um circuito particular, segundo a hierarquia do grupo que organizava a *ocupação*. Hilma, por exemplo, prestava contas das suas ações na *mobilização* para Lucas. Lucas prestava contas para Enéas, e Enéas prestava contas para Nílton. No entanto, todos eles constituem um grupo que se diferencia do resto dos participantes da *mobilização*.

Nilce, *a menina da moto*, chegou uma meia hora depois. Era uma jovem magrinha, vestida toda em couro e com um boné do Che Guevara na cabeça. Lucas lhe deu instruções de me levar para o *acampamento*. Nilce mencionou que devia passar primeiro na casa dela, pois devia preparar seu *kit ocupação*.

Nilce compartilha uma casa com uma amiga num dos bairros da periferia de Teixeira. Ela é originária de Governador Valadares, MG. Sua família migrou para Bahia quando ela era pequena e, para minha surpresa, ela não tinha os 20 poucos anos que aparentava ter. Estava com 43 anos e já era aposentada. Tinha trabalhado durante 12 anos em Aracaju, no estado de Sergipe, e depois havia ido para Teixeira, para trabalhar com questões de programação de computadores. Havia alguns anos, tinha recebido um convite para ocupar, quando ela estava trabalhando; uma amiga dela que trabalhava no Sindicato dos Comerciantes a convidou, mas, *como exigiam que [os acampados] ficassem o tempo inteiro nos acampamentos*, ela não podia, só depois que se aposentou decidiu ir acampar. Já faz mais de um ano que é assentada no assentamento Cruz de Ouro, a 12 quilômetros de Itamaraju, mas, como explica, *mantém casa na cidade* e só volta nos finais de semana para o assentamento. Segundo ela, *ficando na roça*,

como ela chama o assentamento, *não dá para apoiar o movimento*.²¹ Ela fez questão de mencionar que não era *militante*, apesar de ser considerada assim pelos militantes da região e, às vezes, *assumir funções de militância*. Ela ajuda o movimento por sentir um compromisso com os sem-terra.²²

Nilce, enquanto conversávamos, juntou, numa mochila, um prato, um copo, talheres e alguma comida, como pão, enlatados, queijo e algumas frutas, e lamentava ter esquecido seu *kit na roça*. Ela explicava que já tinha um colchonete, coberta e lona numa bolsa separada para usar nas ocupações. Ainda se queixava de que as informações sobre a *mobilização* ficavam restritas a um número pequeno de pessoas, ao grupo dos que ela chamou de *militantes da região*. Segundo ela, *muitas pessoas* [convidadas durante o trabalho de base], *se sentiriam mais seguras sabendo para onde vão*. Para ela, essa “desinformação” fazia as pessoas desistirem de ir para uma ocupação.²³ Ainda complementou: *Você vai ver, nessa ocupação vai ter só pessoal dos acampamentos*. Com isso, ela queria dizer que os participantes não seriam *novos acampados*, mas, pessoas de outros acampamentos, que, cumprindo com suas obrigações, fariam a ocupação.

Saímos de Teixeira rumo ao acampamento “20 Anos do MST”, localizado a 7 quilômetros dessa cidade. Está num ponto estratégico e de fácil acesso para os acampamentos do MST de Itamaraju e de Mucuri. Esse acampamento tem as características de um “acampamento permanente”. Segundo dados dos arquivos da Secretaria Estadual do MST da Bahia, esse acampamento foi formado após uma ocupação em 20 de janeiro de 2004 e parece servir como um acampamento de base das ocupações da região e um ponto de encontro e organização dos *militantes*.²⁴ É dali que os acampamentos da região se alimentam (de acampados), ou, nas palavras de Nilce, *serve para a massificação dos acampamentos*. Ou seja, as pessoas são convidadas para fazerem parte desse acampamento, quando acontecem

²¹ Tal como Lucas, ela coloca a dificuldade de conjugar tarefas de militância e o trabalho na roça, no assentamento. Essa situação, como relatada por Rosa (2004), também foi vivida por Jaime Amorim (principal liderança do MST em Pernambuco). Segundo o autor, “assim que [Amorim] passou a exercer funções de liderança, o projeto de ter um pedaço próprio de chão foi deixado de lado. Em 1987 foi enviado pela cúpula nacional para formar o MST no estado da Bahia” (2004, p. 32).

²² Essa frase também é bastante comum entre assentados do estado de São Paulo. As pessoas se sentem comprometidas com a organização que promoveu a ocupação e posterior assentamento do qual foram beneficiados. Uma forma de retribuição é a participação nas mobilizações promovidas pela organização (Loera, 2006).

²³ Essa “desinformação”, ou como mencionava Hilma, essa parte misteriosa que envolve a ocupação ou outras mobilizações pode resultar atraente para os jovens que contrariamente aos “adultos”, como já foi mencionado em outro momento do texto, vêm a participação nos acampamentos como uma aventura.

²⁴ Esse acampamento parece não ser o único no estado com tais características. Nos cadastros do INCRA estadual, aparece um acampamento chamado “modelo” no município de Prado. Esse acampamento é o que registra menor número de famílias (13 cadastradas e 22 previstas) em todo o estado. Segundo dados do MST, famílias da região realizaram a primeira ocupação em junho de 1989 e o acampamento continua até agora no mesmo local. Segundo Nilton, esse acampamento teve que reocupar várias vezes as terras onde está localizado e até agora *as famílias continuam na luta*. É, nas palavras desse militante, “um *modelo* de luta”.

novas ocupações são levadas para esses outros lugares, deixando as barracas nesse acampamento montadas e vazias, à espera de novos acampados.

Andando pela estrada do lado esquerdo na beira da pista, dava para ver uma fileira de barracas pretas que ia contornando as curvas da estrada. Logo no começo, uma bandeira vermelha com o logotipo do MST, um barracão de madeira que se destacava dentre as barracas e uma espécie de guarita feita de madeira na entrada, ao longo das barracas, contornando o acampamento uma cerca de arame farpado. As barracas que estavam do lado esquerdo do barracão pareciam abandonadas, algumas estavam caindo aos pedaços; das dez que estavam ali, só duas pareciam ter “moradores” dentro.

Depois do barracão de madeira, há uma caixa de água e depois começa uma fila só de barracas. O terreno é acidentado e as hortas individuais ficam atrás das barracas. Os animais de criação estão em cercadinhos ao lado ou atrás das barracas, junto dos “banheiros”. Segundo Gabi, a coordenadora do acampamento, quem deixar os animais soltos *paga uma multa de 3 reais*. Atrás de cada barraca, também há um fogão a lenha feito de barro. Há aproximadamente 40 barracas formando uma fila só. As barracas estão a menos de 2 metros de distância uma da outra, um pequeno corredor percorre parte da frente das barracas e uma cerca divide o terreno da fazenda e do acampamento. Os acampados abriram parte da cerca da fazenda, para fazer a *horta coletiva* plantada com mandioca, mamão, milho e feijão. Um conjunto de árvores divide a horta da cerca e do acampamento.

Logo na entrada, Nilce me apresentou um jovem, o Duda, que se ofereceu para fazer *um tour pelo acampamento*. Depois de passar pelo interrogatório habitual, já antes vivido com Nílton, Hilma e Lucas, Duda, tal como aconteceu com Nílton (da Secretaria em Salvador), começou um discurso sobre política nacional, burguesia, capitalismo etc. Duda está com 20 anos e mencionou que era a terceira vez que ele visitava esse acampamento, tinha estado lá antes em *reunião* e para outras *mobilizações*. Ele pacientemente respondia minhas perguntas e explicava o que ele chamava de *reestruturação da organização do movimento*, que basicamente consiste na criação de *brigadas por estado que aglomeram os diferentes setores* do MST. Ele, por exemplo, faz parte do *setor de jovens* e da *brigada Elias N.*, uma das sete da região nas quais se divide o *movimento*.

Duda participa, há mais de quatro anos, da militância do *movimento*. Desde os 12 anos, ele trabalhou num circo com o tio; ali ele se fantasiava de palhaço e *animava o pessoal*. O circo geralmente transitava por cidades do interior do estado, fazendo o espetáculo: *Um belo dia um amigo do meu tio que já era assentado nos convidou para ir às reuniões para ganhar terra. A gente foi, e ficamos acampando, mas meu tio não agüentou mais de três*

meses no acampamento, saiu, eu decidi ficar [...]. Meu tio e minha mãe falavam para sair, mas eu não quis, gostei muito do movimento, gostaria de ter nascido no movimento.

Duda já fez vários cursos em escolas do MST; segundo ele, no movimento encontrou uma *oportunidade de ser alguém, de estudar* e, sobretudo, de não ser mais dependente do tio. Quando contei que algumas pessoas dos acampamentos em São Paulo achavam que a vida no movimento e no acampamento era uma vida sofrida, Duda falou que era o contrário, a ocupação e o movimento *sempre traz coisas e pessoas novas, além de contribuir para mudar a situação atual das pessoas*. Para ele, não tem nada de sofrimento.

Duda explicou: *Se eu tivesse continuado no circo, ia ficar que nem os outros [jovens] que continuam ali [...], sem saber de nada, não ia ter a oportunidade de conhecer pessoas de outros países, como você [...]. Eu já fui fazer curso em São Paulo e no Rio Grande do Sul, agora quero fazer faculdade [...].*

Para Duda, a inserção no *movimento* lhe confere um status que o diferencia de outros jovens de sua idade, não só porque pode estudar, viajar e conhecer outros lugares, mas nesse processo adquire outros conhecimentos, que ele acredita sejam melhores dos que outros jovens têm e dos que tinha quando trabalhava no circo. E, sobretudo, sua participação no movimento lhe confere significação social. Ele não só acha que ele é alguém importante para o *movimento*, mas para pessoas que não fazem parte do seu círculo familiar e social, como eu, que se interessam pelo que ele tem a dizer. Segundo Smircic (2000), o MST fornece várias possibilidades para os jovens. Por um lado, oferece certa mobilidade geográfica e a possibilidade de receber uma espécie de “emprego” ainda que a remuneração seja pouca, mas sobretudo, “fornece uma estrutura de contenção em contextos de grande precariedade trabalhista e a obtenção de um reconhecimento e um prestígio sociais, junto à possibilidade de “ganhar” uma identidade, uma função social, quer dizer, um nome” (2000: 23).

Já Rosa (2004) menciona “O MST é coisa para jovens porque está repleto de signos que atraem aqueles que estão no liminar de se tornarem homens: propicia mobilidade social ao leva-los para diversas regiões do país para os cursos e encontros; atribui-lhes signos de distinção por meio da hierarquia das funções e, principalmente, os diferencia das demais pessoas de sua idade, colocando-os em pé de igualdade com pessoas mais velhas que povoam assentamentos e acampamentos nestas pequenas cidades” (2004: 62).

Duda e eu fomos convidados para tomar café numa das barracas. Nilce chegou e mostrou a barraca onde ela tinha acampado. Ela tinha ficado nesse acampamento vários meses. Nilce tivesse preferido ir para um assentamento em Mucuri, onde “*as terras são mais planas e fáceis de plantar do que na Cruz de Ouro, além de que a turma [que foi para Mucuri] era muito boa*”. Ela explicava: *Numa das reuniões que teve [no acampamento],*

quando eu estava na rua,²⁵ o pessoal foi dividido em dois grupos, um foi para as terras que tinham saído em Itamaraju e o outro grupo foi mandado para Mucuri. Eu [como não estava na reunião] fiquei em Itamaraju.

Segundo Nilce, a única coisa ruim do grupo de pessoas que foi para Mucuri era um *militante*, de nome Jonas, “*muito grosso, [que] sempre falava [no acampamento 20 Anos] que quem não gostasse das regras podia ir embora que ele numa tarde enchia as barracas de novo*”.

O prestígio, no mundo das ocupações de terra, adquire-se não só pelo número de famílias “novas” que se é capaz de mobilizar e levar para uma ocupação, mas também pela capacidade que se tem de mantê-las dentro do acampamento.²⁶

No acampamento, no final da tarde, o movimento era cada vez maior. Pessoas de “fora” do acampamento e aquelas que *estavam na rua* iam chegando aos poucos, carregadas com seu *kits ocupação* (colchonetes, mochilas, cobertas e ferramentas: foice, facão, etc.). O barracão de madeira ia ficando entrincheirado na parte da frente com tanto *kit*. Chamou minha atenção que os únicos que entre seus *kits* não tinham ferramentas, eram os identificados como *militantes*. Duda e Lucas, por exemplo, só contavam, dentre seus pertences, com uma mochila e um colchonete.

As pessoas de “dentro” do acampamento também começavam a deixar seus *kits ocupação* fora das suas barracas. Dos fogões a lenha, não parava de sair fumaça; as mulheres preparavam arroz e feijão para levar como marmita. Uma senhora idosa chegou perto de Duda e perguntou a que horas sairiam do acampamento, pois tinha o arroz cozinhando e queria saber se daria tempo de levá-lo. Duda falou que seria só de madrugada. As pessoas dos barracos que haviam ouvido a conversa cochichavam e conversavam sobre o tempo que ficariam fora do acampamento e sobre o lugar de destino dos próximos dias.

Um grupo de homens acampados em outros acampamentos da região e que tinham acabado de chegar se aproximaram para conversar conosco. Eles davam palpites sobre a *mobilização*. Um deles mencionou que alguns dias antes, em assembléia, o coordenador do seu acampamento havia informado que teriam que acompanhar uma *mobilização, no mínimo dois representantes por barraca* e queixava-se, tal como Nilce, da “desinformação”. Segundo ele, uma ocupação implicava não só mais tempo, mas também mais preparo do que uma marcha, por exemplo. Nilce esclareceu-me: *Geralmente as pessoas que vêm de outros*

²⁵ Rua é como os acampados se referem à cidade.

²⁶ Zé Antônio, por exemplo, um acampado do Terra Sem Males mencionava a importância de se continuar fazendo *trabalho de base* dentro do acampamento, ou seja, *um trabalho de convencimento* com as famílias que ele tinha convidado para elas ficarem no acampamento.

acampamentos para participar de uma [nova] ocupação devem ficar vários dias apoiando o movimento, esperando que cheguem novas famílias para acampar.

Gabi, a *coordenadora do acampamento*, havia escutado a conversa e justificou-se, mencionando que havia tido a informação sobre a ocupação alguns dias antes, mas não podia passar os detalhes da *mobilização*, pois, “*se vazar a informação, aí espalha, e a polícia chega antes do que a gente*”.

Conforme ia anoitecendo, os rumores sobre a ocupação se espalhavam. O acampamento parecia cada vez mais cheio, com mais pessoas circulando entre as barracas. Alguns acampados tinham chegado de carro e já havia vários estacionados na beira da estrada, na parte de fora da cerca que contornava o acampamento. Outros tinham chegado a pé. Havia uma fogueira acesa perto do barracão e um grupo de jovens tocava e dançava ao redor. Enéas e Nilton tinham chegado juntos no acampamento. Algumas pessoas, em círculo ao redor deles, ouviam atentos as indicações dadas. Por volta das 21 horas, chamaram os *coordenadores dos acampamentos* que se encontravam no local e entraram no barracão, fechando a porta. Duda também fazia parte do seletor grupo que podia entrar na reunião.

Lucas, acompanhado por Buba, outro militante havia pedido a moto da Nilce para ir fazer *trabalho de base* em Teixeira e conseguir lona. Lucas, um pouco mais tarde, explicou-me que já haviam marcado uma reunião com famílias de um bairro em Teixeira e, como havia sido pouco o tempo que tinha podido dedicar ao *trabalho de base* para essa ocupação, aproveitaram esse dia para tentar levar novas famílias para a ocupação.

Como já mencionei anteriormente, parece ter mais “valor” o fato de levar famílias novas do que mobilizar famílias que já são acampadas em outros lugares. Afinal são esses, os “novos” e não os “velhos” acampados os que são associados com o nome daquele que fez o convite e por outro lado, são também os novos acampados os que possibilitam a conformação e permanência de novos acampamentos. A participação dos “velhos” acampados nas ocupações tanto para *militantes* como para os próprios acampados é já uma praxe, faz parte das obrigações a cumprir no mundo das ocupações de terra.

A reunião no barracão havia terminado. Nilton se aproximou e me chamou para um canto do acampamento com Nilce. Informou-nos que o *comboio* sairia um pouco depois da meia-noite, teríamos que esperar os mais de dez ônibus que chegariam *com o pessoal dos acampamentos*. Eu iria num carro com pessoas que já conheciam o lugar: uma fazenda aproximadamente a 30 quilômetros de distância do acampamento “20 Anos”. A fazenda pertencia a uma empresa muito grande de celulose e papel da região. E insistiu: “*Não pode espalhar a informação ainda, viu*”. Nilton havia sido informado que pela tarde eu tinha tirado algumas fotos do acampamento e pediu que, já que ia acompanhar a *mobilização*, tirasse

algumas fotos e depois desse uma cópia para ele. A única restrição era que não podia tirar fotos de nenhum militante. Uma troca havia sido então explicitada, eu poderia participar da *mobilização*, conhecia já algumas informações restritas da ocupação e a forma de atuar do movimento, o que me colocava dentro do grupo portador de um bem prezado nesse contexto: informações que todos os outros que se encontravam nesse local desejavam ter, a câmbio teria que cumprir certas regras e retribuir captando em fotos o momento da ocupação.

Por volta das 23h00 horas, chegou o primeiro ônibus. Estava vazio, este levaria os acampados que já estavam no “20 Anos do MST”. Rapidamente ficou lotado de mulheres, homens, crianças e velhos carregando seus respectivos *kits ocupação*. Havia passado mais de meia hora e o motorista nervoso desceu para conversar com Enéas. Perguntei para Lucas se havia algum problema, ele respondeu que [o motorista] *estava com medo, doido para ir embora [...], mas não pode, ele está sendo pago, pagamos 170 reais e agora ele tem que esperar os outros ônibus chegarem*.

Por volta de 1 hora, o desfile de ônibus começou. Chegaram três ônibus lotados, segundo Nilce, “*era um pessoal de Mucuri*”. Destacavam-se os bonés e camisetas vermelhas. Algumas pessoas desceram e cumprimentaram as pessoas do acampamento, parecia que todo mundo se conhecia. Mais três ônibus lotados chegaram acompanhados de algumas pessoas de carro. Enéas havia dado a ordem de ir embora, segundo ele, o resto dos ônibus nos encontraria no cruzamento de Teixeira. Eu subi, como sugerido por Nílton, num carro com mais quatro pessoas, dois acampados do “20 Anos” e dois de fora. Alguém gritava: *O carro dos militantes vai esperar todo mundo no cruzamento de Teixeira*. O carro estava lotado com pertences e *kits ocupação*, quase não tinha lugar para sentar. O motorista do carro perguntou: *Você é a mexicana? Sou eu o encarregado de cuidar de você até chegar na fazenda*.

Entramos na estrada seguindo os ônibus. Para desviar de um posto de polícia rodoviária, entramos numa outra estrada. Chegando no cruzamento de Teixeira, quatro ônibus e um carro estavam parados; Nílton, dentro de outro carro, deu a indicação de continuar, na frente outro carro estaria guiando os ônibus. Andamos um pouco mais de 30 quilômetros. Paramos num posto de gasolina, principalmente jovens e crianças desciam dos ônibus fazendo barulho, tocando instrumentos. Um dos acampados que estava no carro comentou: *Isso acontece quando as pessoas fogem do controle do coordenador de ônibus, não deviam ter deixado que as pessoas descessem*. Quando chegaram os ônibus que faltavam, todos os veículos (ônibus, carros e motos) apagaram os faróis e saíram em caravana conformando uma em fila só para entrar numa estrada de terra; fizemos mais ou menos 5 quilômetros, na escuridão.

Um dos homens no carro perguntou para o motorista se sabia o local da ocupação, o motorista achava que seria “*nas terras do Suzano... uma companhia que fabrica papel, uma transnacional*”. Ele mencionou que ele já tinha participado de uma ocupação nessas terras organizada pelo Movimento de Luta pela Terra (MLT).²⁷ Mas não tinha dado certo, porque segundo ele “*esse movimento era muito desorganizado, eram poucas pessoas e o coordenador não soube negociar e o acampamento foi desmanchado e as pessoas foram saindo*”.

Tanto nesse caso, como em casos encontrados no estado de São Paulo, quando um indivíduo que já passou por vários acampamentos “desiste da luta” e depois aposta pela segunda ou terceira vez na lona preta, o critério para participar de um acampamento pode passar pela escolha do *movimento* que organiza a ocupação, diferentemente daqueles que participam pela primeira do mundo das ocupações já que geralmente não escolhem um *movimento* e sim um acampamento independentemente do movimento que o organiza.

Existe uma crença entre os trabalhadores rurais de que uma organização como o MST, por ser, segundo eles, mais reconhecida (por ter mais prestígio no mundo das ocupações de terra), consegue negociar melhor e pode conseguir mais rapidamente a desapropriação das terras.

Tempo de reforma

Chegamos na propriedade que seria ocupada por volta das 2 horas. Conforme os ônibus iam estacionando, as pessoas desciam cantando e gritando. Um grupo já havia aberto uma cerca de arame farpado que dividia a fazenda da estrada de terra e tinha conseguido entrar na propriedade.

Macedo (2003) descreve uma ocupação acontecida na baixada fluminense que varia muito pouco com o processo de mobilização aqui descrito, vejamos um trecho da etnografia realizada por esse autor:

Os deslocamentos foram realizados por ônibus (para as pessoas) e caminhões (para os utensílios) fretados pelos próprios acampados. [...]. O comboio partiu em silêncio e de faróis apagados por uma estrada de terra alternativa ao asfalto, esse caminho alternativo foi utilizado para evitar o encontro com os policiais de um posto localizado na estrada asfaltada. [chegando na propriedade] por volta das três e meia da manhã, a

²⁷ No *site* desse movimento <<http://www.mlt.org.br/>>, aparece a seguinte manchete: “Segredo: O nome e a localização das fazendas a serem ocupadas estão sendo mantidos em sigilo, por razões de segurança para os militantes. ‘Claro que não podemos dizer quais serão as fazendas ocupadas, mas podemos dizer que são todas improdutivas e são passíveis de desapropriação’, comenta Aldenes Meira” (Acesso em 14 de maio de 2007).

cerca já estava rompida. Os trabalhadores desceram dos ônibus e, entre gritos, risos e comemorações, correram para dentro da propriedade (2003, pp. 44-48).

Macedo (2005) menciona que existe um modelo hegemônico de mobilização que vem sendo adotado pelo MST em diversos estados do país. A tecnologia da própria ocupação faz parte desse modelo: o deslocamento das pessoas por ônibus, a ocupação realizada de madrugada, as pessoas levando utensílios como colchonetes, lona, cobertas, painéis etc. e o local da ocupação mantido em “segredo” até o último momento.

Os ônibus não paravam de chegar, meia hora depois havia mais de 15 estacionados na estrada de terra e as pessoas continuavam chegando; a maioria deles, experientes na arte da ocupação, começava a montar na escuridão, barracões de lona colados à cerca. O local da ocupação não precisava mais ser mantido em segredo, pelo contrário era o momento de mostrar que estávamos nesse lugar. Um grupo de homens foi para o meio do terreno e, durante dez minutos, lançou fogos. As pessoas gritavam e batiam palmas, também se ouviam palavras e gritos de ordem do MST. No meio do tumulto, encontrei Hilma; havia chegado em um dos últimos ônibus. Instalamos-nos num barracão montado por um grupo de homens do assentamento dela. Eram mais de 4h30. Um grupo de jovens percorria o terreno em círculo parando em alguns barracões, um grupo de meninas jovens andavam pelo terreno em círculo, passando duas ou três vezes pelo mesmo lugar. Escutei um dos jovens que, ao cruzar com um grupo de meninas, comentava: *Faz duas horas que a gente está aqui e não tinha nada que prestasse, mas agora está ficando bom.*

No barracão onde eu estava, um grupo de jovens ria de um deles que nunca tinha participado de uma ocupação e mencionava: *Se a polícia chegar, a gente manda esse na frente.* Alguns minutos depois, um carro de polícia passou ao lado do terreno, todo mundo começou a ficar inquieto; fora do barracão, os que estavam acordados começaram a assobiar, alguns que estavam dentro dos barracos se levantaram e saíram, dirigindo-se para a frente do terreno, outros passavam correndo. Um grupo de jovens que estava do lado do barracão começou a gritar coisas para os policiais. Hilma, brava, falava: *Gente! parem com isso [...], esses moleques ficam só implicando, se acontecer alguma coisa, depois a culpa é dos sem-terra.* Os policiais foram embora, os acampados voltaram para os barracos. Um grupo de jovens dentro do barracão tocava música e cantava. Ouviam-se gritos de longe: *Tem gente tentando dormir.*

Algumas horas depois quando o sol apareceu, fomos convocados para assistir à primeira *assembléia* que aconteceu por volta das 6 horas.

Nílton, foi apresentado como parte da *Coordenação Estadual*, lembrou que essa ocupação, acontecida no dia 19 de abril, era para *lembrar a chacina do Eldorado dos Carajás.*

E logo depois mencionou a importância dessa ocupação, “*inclusive*”, ele disse, “*há convidados internacionais nessa ocupação, um chileno, um português e uma mexicana*”, apontou para mim e mencionou que eu iria “acompanhar o trabalho deles”.

Os acampados sentem-se vistos, visíveis, levados em conta quando pessoas de “fora” visitam os acampamentos. Essa é também uma forma de se sentirem socialmente significantes. Como menciona Loera (2006), os acampados do Terra Sem Males, por exemplo, sentiam-se esquecidos quando não tinham mais visitas de estudantes ou de pessoas de “fora”. Minha presença então, nessa ocupação também parecia formar parte da minha retribuição para com o *movimento*.

Depois da assembléia foram formadas *comissões de estrutura* para montar o acampamento, além de outras como: *alimento, saúde, negociação, trabalho de base e cultura e comunicação* cujos participantes estariam encarregados de preparar as refeições para os acampados, prestar cuidados médicos básicos, estabelecer contato com prefeituras locais, ir nas cidades próximas para convidar novas famílias para se instalarem no acampamento, organizar místicas e estabelecer contato com os meios de comunicação, respectivamente.

Logo depois o acampamento começou a ser montado. Como parte de uma das *comissões* que haviam formado, vários homens abriram um rolo grande de *lona*, o espalharam no chão e começaram a medir e cortar partes iguais, depois, outros, em dupla faziam um buraco no chão, alguns carpiam o lugar e tiravam o mato, aplanado a terra e limpando, outros só iam colocando os paus que serviriam de base dos barracos. Os barracos que estavam sendo montados eram maiores dos que tinha visto em outros acampamentos. Segundo indicações recebidas em *assembléia*, deveriam caber dez pessoas em cada barraco. Esses, depois, seriam ocupados por duas ou mais famílias convidadas durante o *trabalho de base*. Assim, os barracões improvisados que haviam sido montados de madrugada foram sendo desmanchados e no lugar foram instalados os *barracões coletivos*. Grupos de pessoas foram se instalando dentro deles de acordo com o lugar de origem. Por exemplo, aqueles que vinham de um mesmo acampamento da região de Mucuri ficaram no mesmo barracão, da mesma forma aqueles que vieram do assentamento de Lucas e Hilma se instalaram em outro barracão e assim por diante. Parecia não haver uma organização das famílias pré-estabelecida, mas, as pessoas juntavam-se com outras porque já se conheciam ou por afinidade.

Por volta das 15h00 a maioria dos barracos havia sido montada assim como o mastim com a bandeira do MST. No final da tarde, a ocupação já tinha “cara” de acampamento.

As tarefas no acampamento pareciam estar sendo divididas seguindo uma hierarquia particular. Aquelas tarefas que implicavam negociação com lideranças municipais, pedir doações, trabalho de base no povoado próximo, contato com jornalistas, com a imprensa e

com a polícia eram em sua maioria realizadas pelo grupo dos chamados *militantes*. As tarefas braçais, montar barracos, buscar lenha, cozinhar e outras que não implicavam a saída do acampamento, eram realizadas pelo resto dos acampados. Uma assentada que estava acampando e ajudava a preparar almoço mencionava: “*para poder ter uma folguinha, tem que ter camiseta vermelha*”, referindo-se a um grupo de aproximadamente dez considerados *militantes* que estavam sempre conversando ou em reunião e vestiam a camiseta vermelha do MST. Na visão dessa acampada, “*quem não pegava na enxada, com certeza era militante*”.

Junto do barracão onde a comida era servida se formavam filas enormes. Cada um passava com um prato e uma colher. A comida (arroz, feijão, carne e farofa) era preparada em panelas enormes. A noite anterior, a da ocupação, havia visto chegar uma caminhonete carregada de panelas com carne, parecia estar preparada em sal, para conservá-la.

Perto do lugar onde havia sido colocado o mastro com a bandeira do MST, tornou-se o lugar de reunião dos militantes; alguns dias depois este começou a ser identificado pelos acampados como *o canto dos militantes*. Quando perguntei a Enéas em forma de brincadeira que função tinham ele e os que ficavam sempre ao redor, todo mundo riu e ele respondeu: *Nossa função é a mais difícil de todas, vigiar as pessoas, vigiar para que os outros façam tudo direitinho*.

Como parte dessa função Enéas havia mandado dois militantes para que falassem com os meios de comunicação sobre a ocupação. Um militante que havia estado em Teixeira e ouvido uma notícia na rádio comentou: “*falaram na rádio que mais de 2500 famílias de sem-terra lideradas por Valmir Assunção ocuparam a fazenda Bahia sul do grupo Suzano*”. Enéas gritando disse: “*falaram que por Valmir?! O bicho vai pegar!* Buba tentando acalmar Enéas mencionava “*tem que ligar de novo para desmentir essa informação, ele vai ter que explicar no congresso*” Enéas disse, “*esse não é o problema... ele se vira*”, mas Valmir nem está aqui!. O “problema”, como mencionava Enéas, não era que a ocupação tivesse sido associada a Valmir que ocupa um cargo público no congresso, o “problema” para ele, era que havia sido esse nome e não o seu o que havia figurado na notícia sobre a ocupação.

Depois que a ocupação foi noticiada os repórteres não tardaram em chegar ao local da ocupação. Na primeira *assembléia* feita no local havia se dado a ordem de que quando a polícia ou a imprensa chegasse, todos os acampados deveriam *parar com o que estivessem fazendo, pegar suas ferramentas e ir para frente do terreno*.

Não precisaram falar mais nada, parecia que todo mundo tinha entendido o que significava aquela frase. Quando os repórteres chegaram na entrada do acampamento, muitos acampados que estavam trabalhando armando barracos colocaram a camiseta e o boné do MST, pegaram as ferramentas e correram até chegar na frente das câmeras. Uma massa de

peças de vermelho cantavam e batiam foice com foice ou com o facão ao ritmo de uma das músicas do MST. O repórter entrou entre as pessoas e pediu para o câmera-man parar de filmar. Os acampados iam atrás dele ainda cantando, o repórter se aproximou dos *militantes* e perguntou se podia entrevistar algumas pessoas do acampamento. A massa dos acampados se dispersou, as pessoas voltaram a suas atividades. O repórter dirigiu-se àquelas pessoas que lhe haviam sido indicadas para entrevistar, o *representante estadual do MST* que explicava os motivos da ocupação: “*Pedimos o esclarecimento do crime de 19 dos nossos companheiros sem-terra que foram assassinados*”, e outro entrevistado, o *representante regional do MST* explicava porque a ocupação tinha acontecido naquelas terras; “*o eucalipto é o que está matando o povo de fome, nós os sem-terra queremos uma terra que dê frutos... plantar feijão, arroz, mandioca...*”. O repórter havia entrevistado “as fontes oficiais”.

Durante à tarde, os chamados *militantes* entravam e saíam de carro na propriedade, Nilce me disse que Enéas e outros estavam negociando apoios com o prefeito de Texeira.

No dia seguinte, algumas pessoas haviam passado mal e haviam ido reclamar com Enéas porque estavam com fome. No primeiro dia, o almoço só havia ficado pronto por volta das 16h00. Uma mulher de idade avançada argumentava que inclusive a pressão dela tinha baixado, pois não tinha jantado no dia anterior nem tomado café e o sol forte estava lhe fazendo mal. Hilma que havia carregado com um kit de medicamentos básicos e estava atendendo a algumas pessoas comentava que havia muita gente passando mal, com dores na coluna e dores de cabeça, pressão baixa, etc. Outro militante comentava: “*É sempre assim, o primeiro e segundo dia são os mais difíceis, o pessoal fica bravo, quer ir embora, alguns vão mesmo, sempre demora a organização*”.

Hilma e Lucas, depois de várias reuniões e discussões com outros militantes, haviam conseguido estar na *comissão* que realizaria *trabalho de base* em Santo Antônio, um pequeno povoado que ficava 5 quilômetros do acampamento.²⁸ Outros militantes, já tinham se deslocado a outras cidades para fazer *trabalho de base*, Duda, por exemplo, o jovem que havia me acompanhado no tour pelo acampamento “20 anos” tinha saído cedo de manhã do novo acampamento em direção a Medeiros Neto, uma cidade a 50 quilômetros de distância dali.

A reunião em Santo Antonio, estava marcada para acontecer na parte da tarde.²⁹ Hilma convidou-me para acompanhar o *trabalho* deles.

²⁸ Participei de duas reuniões de militantes em que o principal motivo de briga e discussão havia sido precisamente porque a maioria queria fazer o *trabalho de base* em Santo Antônio. Como mencionei antes, o número de famílias que se consegue mobilizar parece ser um elemento importante para “ganhar um nome” na ocupação e sobretudo perante as suas *Regionais*.

²⁹ Nas chamadas reuniões de base, ou reuniões informativas, militantes e assentados, principalmente, informam aos acampados potenciais sobre as minúcias do funcionamento da ocupação e dos acampamentos. Também,

Chegando em Santo Antonio fomos na casa de Dirceu, um vereador local que tinha arranjado um lugar onde seria levada a cabo a *reunião*, segundo ele já havia convidado aproximadamente 50 famílias do lugar e de povoados próximos.

Dirceu mencionava que havia muitas pessoas interessadas em participar da ocupação. Algumas delas já haviam ocupado essa mesma área alguns meses antes quando foi organizada uma ocupação por dirigentes do MTL.

A reunião estava marcada as 16h30 na casa de uma liderança local. No caminho, Rogério, outro militante que nos acompanhava identificou dois homens do acampamento que estavam deitados no chão fora do cemitério. O comentário de Hilma foi que era domingo e “*Domingo é dia de cachaça*”.

Chegamos na casa onde seria a reunião, já havia pouco mais de 20 pessoas no local.

Um jovem de aproximadamente 16 anos aproximou-se e apresentando-se nos disse: “*Estou doido por ir no acampamento*”. Ele, um pouco ansioso perguntava se havia muita gente acampando. Justificava a ansiedade mencionando que ali, em Santo Antonio, nunca se passava nada. O acampamento, na sua percepção traria uma mudança na sua rotina e teria oportunidade de conhecer outras pessoas que não formavam parte do seu universo familiar e local.

As pessoas continuavam chegando. Nilton havia chegado ao local, tomou a palavra e convidou todo mundo para começar a *reunião*.

Hilma se apresentou e recitou um poema e depois passou a palavra para Nilton.

À continuação reproduzo uma parte do discurso por ele pronunciado:

Agradeço a presença de todo mundo aqui. Já devem estar sabendo que foi ocupada a fazenda que pertence à Suzano, foram mais de 2500 famílias sem-terra. Estamos aqui para convidá-los a que se unam ao acampamento, quem quiser reforma agrária e trabalhar na sua própria terra tem que fazer acampamento, a terra não se ganha tão fácil, ninguém pode chegar no INCRA e pedir... tem que fazer acampamento.

Essa terra aqui, plantada só com eucalipto é um perigo, não dá trabalho nem comida para ninguém, só para os fazendeiros e donos da Suzano. Quem estiver interessado levante a mão.

Todo mundo levantou a mão, ele ainda mencionou:

As famílias que estão acampadas já têm seu pedaço de terra ou já estão acampando em outros acampamentos, estão aqui ajudando vocês, os futuros acampados, e fazendo pressão para que outras terras saiam, é bastante terra e com certeza quem fizer ocupação vai ter a chance de ganhar uma terra. Podem convidar também parentes ou amigos que queiram ganhar terra.

Apesar de ter sido Lucas e Hilma os que fizeram as negociações preliminares para a reunião acontecer e os contatos com as lideranças locais, foi Nilton, aquele que detinha um lugar mais alto na hierarquia do movimento o que falou em nome do MST e realizou o convite. Nilton finalizou gritando algumas palavras de ordem e depois mencionou que passaria a palavra para Dirceu “*conhecido de todos vocês, daqui mesmo de Santo Antonio*”.

Para o sucesso do trabalho de base e da ocupação, isto é conseguir que famílias novas se dirijam as terras ocupadas é preciso que aqueles indivíduos que organizam a ocupação estabeleçam alianças com lideranças dos locais próximos onde são realizadas as ocupações. Os acampados potenciais acreditam e confiam nas pessoas que fazem parte da sua rede de amigos e conhecidos, mas, também aqueles que, além de conhecidos, como no caso de Dirceu, representam alguma autoridade no local. Por tanto, o trabalho de base, só é efetivo porque se estabelecem alianças e se aproveitam os vínculos que traspassam as fronteiras dos movimentos que organizam as ocupações.³⁰

Dirceu, o vereador local tomou a palavra:

Está na hora de ganhar terra, dessa vez vai ser diferente daquela outra ocupação [do MLT]. O MST é organizado, não é piada, quem for participar do acampamento tem que obedecer as regras, trabalhar, se disciplinar, não pode usar drogas, não pode beber e tem que realizar tarefas dentro do acampamento. O MST está aqui... não para brincar, mas, para conseguir essa terra [ele apontava a bandeira do MST que havia sido colocada na parede do pátio da casa onde a reunião estava sendo feita]. Aquele que não respeite isso, não vá, mas, se tem consciência e quiser ganhar terra, vá. É assim que deve se lutar. Eu vou acampar também, eu também quero terra e também estou consciente que estarei ajudando a eliminar o cultivo do eucalipto.

Dirceu terminou o discurso gritando MST, MST, MST!

Este vereador, no seu discurso comparava dois movimentos, MST e MTL, e qualificava sob uma lógica da diferenciação, a experiência da ocupação anterior como algo que não havia sido sério, organizado, havia sido, uma brincadeira, uma piada, e por isso não tinha dado certo. Mas, dessa vez o convite era para valer, mas, havia que acatar os ensinamentos do MST e, sobretudo a disciplina. Na percepção de Dirceu, tal como para os acampados com os quais eu havia chegado de carro no local da ocupação, o MST tinha uma capacidade maior de organização, e por isso eles acreditavam que dessa vez poderiam conseguir as terras.

Dirceu, não só fazia público seu ponto de vista em relação ao *movimento* mas, tornava o discurso mais efetivo ao se colocar como igual perante os outros “*eu vou acampar também, eu também quero terra*”, aqueles acampados potenciais que escutavam seu discurso.

³⁰ De fato foi só depois da reunião, na qual interveio Dirceu, o vereador local, que pessoas de Santo Antonio foram se instalar de fato debaixo da lona.

No dia seguinte do trabalho de base, pessoas que havia visto na *reunião* em Santo Antonio começaram a se instalar debaixo da lona. Parecia que esse *trabalho*, em Santo Antonio, havia sido disputado entre militantes não só pela proximidade geográfica com o acampamento mas, principalmente, porque as famílias podiam se deslocar mais rapidamente para o acampamento, e mais, as famílias novas que iam chegando eram identificadas não só com o lugar de origem, no caso Santo Antonio, mas também com aquele que as tinha convidado para o acampamento.³¹

Hilma, orgulhosa ao ver que as famílias se instalavam debaixo da lona mencionava que poucos [companheiros] haviam conseguido levar *novos* [acampados] para o acampamento. Já antes do *trabalho de base* acontecer ela tinha comentado que seu objetivo era *fazer um trabalho* [de base] *intensivo enquanto estavam acampados*, provavelmente enquanto mais famílias de Santo Antonio se instalassem, mas novos acampados seriam associados com seu nome.

Os primeiros dias o novo acampamento foi então mantido principalmente por assentados e *velhos* acampados da região. Alguns deles participaram também da *comissão* que se formou para fazer *trabalho de base* em Santo Antônio. Afinal, muitos deles tinham parentes ou conhecidos no lugar. O objetivo era, segundo os acampados, *renovar o acampamento*; isso significava levar pessoas “novas” para “substituir” os “velhos” acampados e assentados para que estes pudessem voltar para seus acampamentos e assentamentos de origem.³²

Macedo (2005) menciona que a estratégia de mobilização das famílias para as ocupações depende do tempo que se tem para realizar a ocupação. Por exemplo, diante da urgência em realizar uma ocupação — como no caso aqui mencionado — ou da ausência de recursos para realizar um *trabalho de base* prolongado que consiga juntar o número desejado de famílias, a estratégia adotada é aumentar o número de pessoas que costumam apoiar a ocupação.

Nesse caso, ela é realizada com um grupo formado essencialmente de militantes, assentados, simpatizantes e acampados de outros locais. [...] Quando as condições sociais daqueles que residem nas imediações do acampamento favorecem a entrada de novas famílias a estratégia obtém o resultado esperado. Aos poucos, as famílias que entram substituem o grupo que realizou a ocupação, já que aqueles que a apoiaram retornam para seus locais de origem (Macedo, 2005, pp. 487-88).

³¹ Inclusive, foram feitas brincadeiras entre militantes e acampados sobre uma das famílias na qual havia um menino um pouco afeminado que foi identificado como homossexual. Militantes e acampados riam e mencionavam que aquele menino era convidado de tal ou tal militante ou acampado. E uns e outros atribuíam esses convidados a tal ou tal nome de militante ou acampado.

³² Em outro caso estudado por Smircic (2000) em Pernambuco, numa ocupação pequena organizada por dirigentes do MST e feita com 9 famílias se tratava como menciona esse autor, de estabelecer uma base, uma “avançada” que assegure o lugar enquanto se tentava reunir mais pessoas para ampliar o acampamento.

Esta ocupação também seguiu essa dinâmica. Assim que famílias novas começaram a se instalar debaixo da lona, *velhos* acampados começaram a sair. Já no segundo dia após a ocupação, principalmente idosos e crianças haviam começado a deixar o local. Varias vezes vi pequenos grupos que, munidos dos seus *kits ocupação* esperavam na estrada de terra para conseguir uma carona até a estrada asfaltada. Parecia que entre a maioria dos ali acampados existia o consenso de que idosos e crianças eram os primeiros que poderiam retornar a seus acampamentos e assentamentos de origem. No entanto, o resto dos acampados parecia seguir outras regras.

Visitando os diferentes grupos de acampados que se haviam instalado nos barracões coletivos montados e organizados segundo o lugar de origem, deparei-me com uma pergunta que era recorrente por parte dos acampados: *Faz quanto tempo que você está na reforma?* O *tempo de reforma*, para esses participantes, significava o tempo de participação no *movimento sem terra*, o que fazia referência não só ao tempo que tinham de assentados ou acampados, mas, também ao tempo de participação em ocupações e acampamentos.³³ Quando retrucava a pergunta, a resposta, a maioria das vezes era a mesma: *faz (x anos ou meses) que estou nessa luta*. Alguns especificavam logo depois que eram assentados e acampados de tal ou tal lugar e alguns ainda mencionavam: *“Já tenho (x meses ou anos) de reforma”*. Ainda, alguns comparavam seu *tempo de reforma* com outros acampados: *“fulano se acampou antes que eu, ele tem mais tempo de reforma”*.

A mãe de Lucas, por exemplo, que também estava participando da ocupação relatava-me que tinha *“8 anos de reforma”*, mas seu filho, Lucas *“tinha mais tempo de reforma”* do que ela. Ela é assentada faz cinco anos, mas, passou três anos acampada e acompanhando outras ocupações antes de *ganhar terra* e ainda hoje, ainda sem concordar completamente,³⁴ cumpre com seu *compromisso* para com o movimento acompanhando outras ocupações. Seu filho Lucas, como já foi mencionado anteriormente, faz 17 anos que participa de ocupações de terra. Ou como ele disse, faz 17 anos que *“está com os sem-terra”*.

A mãe do Lucas foi uma das primeiras a voltar para seu assentamento, outros, vizinhos do assentamento, a seguiram.

Ainda, estando no *canto dos militantes* ouvi reclamações de acampados que queriam voltar para seus acampamentos de origem e argumentavam que *“fulano”* ou *“beltrano”*, acampados de outros acampamentos da região, tinham aproveitado a saída de militantes do acampamento para ir embora. Segundo me explicou Rogério, um militante e assentado de

³³ A maioria dos acampados que já eram assentados quantificavam o *tempo de reforma*, não só a partir do momento em que foram assentados mas a partir do momento em que realizaram a primeira ocupação.

³⁴ Ela fazia a reflexão de que não entendia porque se já tinha terra devia continuar sofrendo com ocupação.

Itamaraju, os acampados *sabiam* que tinham a *obrigação* de esperar o acampamento encher com mais famílias [novas], já que conforme assentados fossem saindo o acampamento podia ver-se esvaziado. Podemos argumentar que, não só existe um consenso entre assentados, acampados e militantes de que são os assentados e não os acampados os que têm mais *tempo de reforma*.³⁵ Mas, *o tempo de reforma* evidencia também a existência de uma hierarquia particular, aquele que ainda não é assentado será o último a deixar o novo acampamento pois tem um nível maior de *obrigação* a cumprir. Parecem existir por tanto, gradações nas obrigações, e isso é medido através *Tempo de reforma*. Por tanto, a “lógica do merecimento”,³⁶ neste caso, parece funcionar ao inverso: quanto mais *tempo de reforma*, menos tempo de acampamento, menos tempo de lona preta.

³⁵ Acredita-se também que os assentados não podem ficar muito tempo longe dos seus assentamentos de origem, pois, já tem terra, casa e animais que requerem dedicação.

³⁶ Durante o trabalho de campo para a pesquisa de mestrado identifiquei entre os acampados do Terra Sem Males, a existência de uma lógica do merecimento associada a sofrimento (Loera, 2006), aqueles que tinham passado mais tempo debaixo da lona preta e portanto haviam sofrido mais acreditavam ter mais direito à terra. E é precisamente através do sofrimento que legitimavam a pretensão de ganhar terra.

Referências bibliográficas

Referências bibliográficas

- COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a luta. Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Coleção Antropologia da Política. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. “L’*étiquette et la logique du prestige*”, in *La société de cour*. França: Champs, Flammarion, 2005.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GUARANÁ, Elisa de Castro. “Juventude rural: construções, reordenações e negociações de identidades sociais”, *paper* apresentado na 25^a *Reunião Brasileira de Antropologia*. Goiânia, 11-14 jun., 2006.
- L’ESTOILE, Benoit de e PINHEIRO, Cláudio. “Projetos, apostas e hesitações: notas sobre três engenhos em situação de incerteza”, in L’ESTOILE B. e SIGAUD, L. (orgs.), *Ocupações de terra e transformações sociais*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, pp. 64-105.
- LOERA, Rangel Nashieli. *A espiral das ocupações de terra*. São Paulo: Polis; Campinas: CERES, 2006.
- MACEDO, Hernandez Marcelo. “*Zé Pureza*”. *Etnografia de um acampamento no norte fluminense*. Tese de doutorado em ciências sociais, UERJ, 2003.
- _____. “Entre a ‘violência’ e a ‘espontaneidade’: reflexões sobre os processos de mobilização para ocupações de terra no Rio de Janeiro”, *Revista Mana*, vol. 11, n^o 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará, PPGAS, Museu Nacional, out., 2005, pp. 473-97.
- MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris: Quadrige, Presses Universitaires de France, 2003 [1950].
- ROSA, Marcelo. *O engenho dos movimentos: reforma agrária e significação social na zona canavieira de Pernambuco*. Tese de doutorado em ciências humanas: sociologia, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.
- SIGAUD, Lygia. “A forma acampamento”, *Revista Novos Estudos*, n^o 58. São Paulo: CEBRAP, nov., 2000.
- SILVA, Vanda. “Experiências e representações do ‘ser jovem’ em Rosário das Almas”, *Temáticas*, ano 14, n^o 27/28, 2006.
- SIMMEL, Georg. *Sociología I. Estudios sobre las formas de socialización*. Madri: Alianza Universidad, 1977.

SMIRCIC, Sergio Chamorro. *Com a cara e a coragem. Etnografia de uma ocupação de terra em Pernambuco*. (Dissertação). PPGAS/ Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2000.

<http://www.mlt.org.br/>>